

A TÉCNICA ARPILLERAS COMO INSTRUMENTO DE DENÚNCIA, RESISTÊNCIA E LUTA

Data de aceite: 02/05/2024

Luciana Maestro Borges

Doutora em Agronomia (UNESP), docente no Instituto Federal do Paraná-Campus Paranaguá.
<http://lattes.cnpq.br/7609744336061574>

Cíntia Souza Batista Tortato

Doutora em Tecnologia e Sociedade/UTFPR, docente IFPR-Campus Curitiba.
<http://lattes.cnpq.br/0225705256573236>

Elaine Mandeli Arns

Doutora em Tecnologia e Sociedade/UTFPR, docente IFPR-Campus Paranaguá.

Mirelly Lacerda Pinheiro

Graduanda Engenharia Ambiental/UFPR.
<http://lattes.cnpq.br/2871524237868317>

RESUMO: Neste capítulo, como objetivo, foi apresentar a história e a técnica *Arpillera*, seguida de uma apresentação o potencial do bordado como forma de expressão material e simbólica, bem como a sistematização da experiência das pescadoras artesanais do PEART com a técnica. Este trabalho trata de uma das metodologias empregadas no projeto de extensão Sociodiversidade como Estratégia de Construção Social da

Agroecologia entre Pescadoras Artesanais em Guaraqueçaba, PR que tem como objetivo a promoção do fortalecimento do protagonismo feminino. A metodologia aqui apresentada é chamada de *Arpilleras* e sua origem remete à ditadura militar chilena (1973-1990) onde mulheres da periferia de Santiago uniram-se em torno de uma técnica de costura e bordado para denunciar os problemas e injustiças sofridas por elas e suas famílias nesse período histórico extremamente repressor. A metodologia do trabalho com as *Arpilleras* parte de princípios da educação popular, que articula diferentes saberes e práticas, as dimensões da cultura, do trabalho e dos direitos humanos. Realizada em itinerância entre as comunidades de pescadores artesanais, a ação assume o formato de oficinas de bordado, rodas de conversa, entrevistas entre outras formas de trabalho. Como procedimento metodológico, utilizou-se de pesquisa bibliográfica e a partir da definição de um problema pode-se verificar que os resultados mais relevantes são a mobilização inédita no contexto local de um grupo de mulheres pescadoras para a discussão dos conflitos sociais relacionados ao uso e acesso aos recursos naturais, a visibilidade da atuação feminina

nesse cenário, a luta e formas de resistência pela efetivação de direitos, rompendo com o padrão histórico de submissão às políticas, fazendo com que elas sintam-se empoderadas tanto individual como coletivamente, o que as facultam manejar suas formas de interlocução e narrativa na defesa dos direitos étnicos e coletivos.

PALAVRAS-CHAVE: Pescadoras Artesanais, *Arpilleras*, Práticas Tradicionais.

THE *ARPILLERAS* TECHNIQUE AS AN INSTRUMENT OF DENUNCIATION, RESISTANCE AND STRUGGLE

ABSTRACT: This work deals with one of the methodologies used in the extension project Sociodiversity as a Strategy for the Social Construction of Agroecology among Artisanal Fisherwomen in Guaraqueçaba, PR, which aims to promote the strengthening of female protagonism. The methodology presented here is called *Arpilleras*, and its origins go back to the Chilean military dictatorship (1973-1990), where women from the outskirts of Santiago united around a sewing and embroidery technique to denounce the problems and injustices suffered by them and their families. families in this highly repressive historical period. The methodology for working with the *Arpilleras* is based on the principles of popular education, which articulates different knowledge and practices, the dimensions of culture, work and human rights. Held on an itinerant basis among artisanal fishing communities, the action takes the form of embroidery workshops, conversation circles, interviews and other forms of work. As a methodological procedure, bibliographical research was used. From the definition of a problem, it can be seen that the most relevant results are the unprecedented mobilization in the local context of a group of women fishermen to discuss social conflicts related to the use and access to natural resources, the visibility of female action in this scenario, the struggle and forms of resistance for the realization of rights, breaking with the historical pattern of submission to policies, making them feel empowered both individually and collectively, which allows you to use your forms of dialogue and narrative in defense of ethnic and collective rights.

KEYWORDS: Artisanal Fisherwomen, *Arpilleras*, Traditional Practices.

1 INTRODUÇÃO

Definiu-se como tema deste artigo a técnica *Arpilleras* como instrumento de denúncia, resistência e luta, porque por meio do bordado as mulheres das ilhas de Guaraqueçaba – PR, público-alvo deste trabalho, poderão registrar e denunciar os problemas e injustiças sociais pelas quais passam, promovendo desta forma o fortalecimento do protagonismo feminino.

A realização desta técnica *Arpilleras* como atividade artesanal, desenvolvida em lugares definidos com o grupo, desenvolveu um espaço de união, propiciando nestes momentos discussões de construção de cidadania e luta por direitos fundamentais.

A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica com o objetivo de ampliar a compreensão com relação aos assuntos abordados, já que este tipo de pesquisa proporciona “familiaridade com o problema em questão” (GIL, 2010, p. 27; MARCONI; LAKATOS, 1996).

A delimitação bibliográfica escolhida propicia o conhecimento do conteúdo já pesquisado (GIL, 2010). Portanto baseia-se em uma amostra não probabilística e intencional, pois os autores partiram das características específicas deste determinado grupo e de seus conhecimentos a respeito do assunto. (SAMPIERI, 1991).

Observou-se que o empoderamento dessas mulheres deve se dar tanto no nível individual como no coletivo. Que a participação nas oficinas, no desenvolvimento do bordado, nas discussões do grupo é essencial para criar uma visão de mundo reelaborada e politizada.

Nesse sentido, neste capítulo, como objetivo, foi apresentar a história e a técnica *Arpillera*, seguida de uma apresentação do potencial do bordado como forma de expressão material e simbólica, bem como a sistematização da experiência das pescadoras artesanais do PEART com a técnica e, por fim, as considerações finais.

2 DESENVOLVIMENTO

Este trabalho trata de uma das metodologias empregadas no projeto de extensão “Sociodiversidade como Estratégia de Construção Social da Agroecologia entre Pescadoras Artesanais em Guaraqueçaba, PR” que tem como objetivo a promoção do fortalecimento do protagonismo feminino. A metodologia aqui apresentada é chamada de *Arpilleras* e sua origem remete à ditadura militar chilena (1973-1990) onde mulheres da periferia de Santiago uniram-se em torno de uma técnica de costura e bordado para denunciar os problemas e injustiças sofridas por elas e suas famílias nesse período histórico extremamente repressor.

2.1 *Arpilleras*: breve histórico

A técnica em si consiste em uma tradição originária das mulheres bordadeiras de *Isla Negra*, no Chile. As mulheres usavam pedaços de tecido rústico aproveitados dos sacos de armazenamento de farinha ou batatas. Esse pano constituía o cenário onde uma cena seria bordada e leva o nome de *Arpilleras*. A cena escolhida: um registro, uma denúncia, um pedido de socorro composta por retalhos diversos, bordados e aplicações. O artesanato têxtil se estabeleceu como uma forma de atuação política para essas mulheres, segundo Ertzogue (2011, p 1-2):

Produto artesanal inspirado na arte popular chilena, o artesanato têxtil é um veículo de expressão visual, portador de denúncias pelo desaparecimento de pais, maridos, filhos e parentes. O bordado e a costura fizeram daquelas mulheres uma espécie de arauto da resistência política, atuando em seus papéis de gênero no espaço doméstico, elas se identificavam como mães, filhas, esposas e irmãs.

Esta técnica foi utilizada por diversos grupos de mulheres que deram um novo sentido a uma atividade familiar, transformando em arma de comunicação contra a repressão e como fonte de renda (Figura 1).

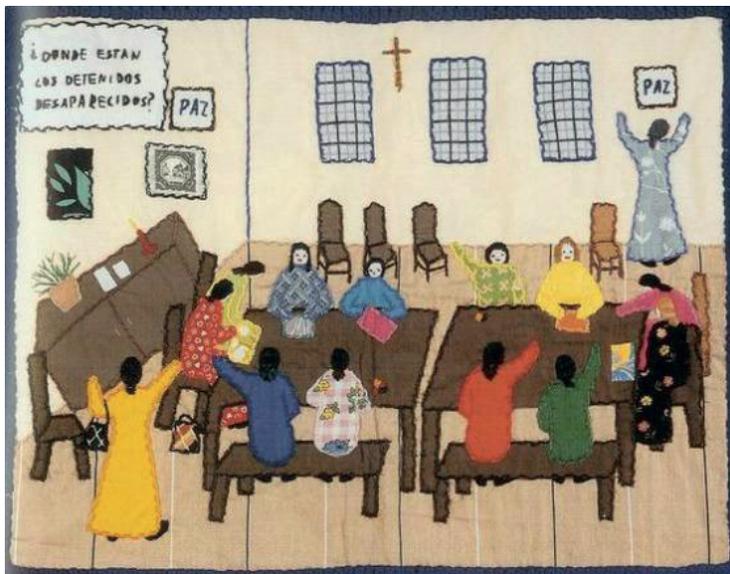


Figura 1 - Arpilleras oficina mulheres. Representação de trabalho nos porões das igrejas em bairros pobres de Santiago. “Estamos dezoito mulheres em nossa oficina.... “Acima, à esquerda, indicou Onde estão desaparecidos.

Fonte: Santiago Cultura (2017), disponível em <https://goo.gl/TVfk12>.

Na sua origem, todos os materiais eram partilhados pelas mulheres que realizavam os trabalhos que, por sua vez, encantam os turistas e se transformaram também em uma forma de sobrevivência dada a crise econômica que o país atravessava. A disseminação do trabalho das mulheres bordadeiras se deu pelas ofertas de cursos de *Arpilleras* oferecidos por entidades de Direitos Humanos ligadas à Igreja Católica, pela cantora Violeta Parra, que levou a beleza dos bordados para além do Chile e encantou o mundo.

2.2 *Arpilleras*: os significados

Os elementos que compõem uma *Arpilleras* são repletos de significados. A rusticidade do pano de fundo, que na origem vinha de sacos de batata, açúcar ou farinha, ainda permanece no uso da juta, do algodão cru ou de panos similares. As mulheres que realizam essa arte são oriundas de realidades duras onde a vida e a sobrevivência estão a todo tempo ameaçadas, o pano de fundo da *Arpilleras* é o pano de fundo da vida. Sobre o pano de fundo são aplicadas figuras humanas ou da natureza, recortadas em tecidos diversos, retalhos que vão compor uma cena. Cada elemento é cuidadosamente pensado individualmente e na coletividade de seus significados, as cenas não somente paisagens, são narrativas de violações de direitos (MAB, 2015).

2.3 Arpilleras: ativismo político

A confecção das *Arpilleras* em sua origem chilena ou nas confecções dessas ideias em outros contextos constitui um ato político, um exercício de elaboração das injustiças, entendimento do entorno e expressão de tudo isso em um pedaço de pano. A composição dos elementos que serão parte da *Arpilleras*, os tecidos selecionados, as palavras, as cores, o arranjo do quadro geral dentro da proporcionalidade do problema exposto é uma forma de ativismo político e construção de cidadania que tem sido fonte de força, reconhecimento, renda e sobrevivência de mulheres de várias comunidades vulneráveis.



Figura 2 - Mulheres algemadas em frente ao Congresso Nacional exigindo a verdade e a justiça. Este é um das primeiras Arpilleras feitas em 1974 por Doris Meniconi.

Fonte: Santiago Cultura (2017), disponível em <https://goo.gl/TVfk12>.

2.4 Bordado como forma de expressão

O bordado vem há muito tempo relacionado às mulheres. Tanto no ocidente como no oriente ele foi uma atividade frequentemente imposta ao público feminino como estratégia social de domesticação, ocupação e preparação para o casamento. O baixo reconhecimento da atividade pelo meio artístico no ocidente está relacionado à característica de seu aprendizado. Como atividade predominantemente feminina, passada de geração a geração por mulheres cujo saber não veio de instituições socialmente reconhecidas do mundo das artes (historicamente dominados por homens e voltados para desenho, pintura, arquitetura

e escultura), os conhecimentos e as artes têxteis não alcançaram, socialmente, o mesmo status e importância das outras (SIMIONI, 2010).

Wajcman, (2006) diz que elas, as mulheres, constituem a mão de obra barata que produzem a ciência e a tecnologia rotineiras; na qualidade de secretárias, limpadoras e cozinheiras... (p. 72) e claro, com suas costuras e seus bordados. Ela ainda critica a visão homogênea dos interesses masculinos e capitalistas com relação à dominação das mulheres e dos trabalhadores, porque esses interesses acontecem de forma inconstante e indeterminada.

Gêneros outrora valorizados, como a tapeçaria e o bordado, centrais durante a Idade Média, passaram, ao longo da Idade Moderna, a comportar duas cargas simbólicas negativas: a do trabalho “feminino”, logo inferior, e a do trabalho manual, a cada dia mais desqualificado.

O não reconhecimento do bordado, como de outras artes têxteis realizadas por mulheres ou por pessoas de classes desfavorecidas acompanhou a desvalorização do trabalho manual e, por consequência, essa atividade ainda carrega um sentimento de menor valor. Tendo como lógica estruturante da cultura ocidental, o sistema patriarcal reforçou e operou pela manutenção desse espaço de domesticação das mulheres.

No trabalho das *Arpilleras*, no entanto, essa domesticação foi, não só superada, mas esse espaço, unido com a realização da atividade manual tornaram-se lugares e momentos de construção de cidadania e luta por direitos fundamentais.

No sistema patriarcal, o lugar de bordadeira é uma posição-sujeito reservada às mulheres, associada à reprodução e manutenção deste lugar vinculado ao espaço doméstico. No entanto, as *arpilleras* apontam para a transformação do lugar desta mulher que costura a crítica. Os tecidos utilizados são retalhos das roupas dos maridos e filhos ausentes, (re)utilizados como forma de elaborar o luto e fazer uma denúncia pública.

Para Simioni (2010) a partir dos anos de 1970, em países como Brasil e Estados Unidos, além do Chile, mulheres que passaram a se integrar na luta feminista começaram a utilizar o bordado e as artes têxteis para denunciar os problemas enfrentados por elas nos mais diversos contextos.

2.5 O projeto de extensão do NEA - IFPR

A criação do projeto de extensão intitulado “Sociodiversidade como Estratégia de Construção Social da Agroecologia entre Pescadoras Artesanais em Guaíra, PR”, partiu da demanda do grupo Pescadoras Artesanais do Litoral do Paraná em Movimento (PEART) e do Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais do Litoral do Paraná (MOPEAR) e compõem uma das ações do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica (NEA) do Instituto Federal do Paraná (IFPR) câmpus Paranaguá. As oficinas denominadas *Arpilleras* são parte integrante de um conjunto de atividades do projeto

que pretende promover o fortalecimento do protagonismo feminino na denúncia, luta e resistência contra a violação de direitos étnicos e coletivos das pescadoras artesanais.

O contato e articulação desses grupos com o trabalho vinha sendo desenvolvido por outros movimentos sociais na América Latina e fez surgir nas pescadoras o interesse em aplicar essa técnica de bordado no contexto das ilhas de Guaraqueçaba, motivadas pelo intuito de fortalecer suas práticas tradicionais, sobretudo aquelas relativas à segurança alimentar, a violação de direitos étnicos e coletivos e a reprodução do conhecimento tradicional às novas gerações.

O potencial da técnica de bordado denominada *Arpilleras* mobilizou as mulheres em grupos para que discutissem e transformassem questões relativas à vida de suas comunidades e que denunciasses casos de violações de direitos.

Por meio do artesanato houve uma politização que despertou o processo de mobilização para a elaboração do projeto de extensão e das oficinas de *Arpilleras*. Importa lembrar que a relação social de pesquisa e extensão com o grupo já vinha sendo firmado por meio de projetos de extensão e pesquisas anteriores sediados no IFPR - Câmpus Paranaguá e desenvolvidos nas comunidades tradicionais de pescadores artesanais e caiçaras em Guaraqueçaba.

2.6 A técnica *Arpilleras* empregada no projeto

A apropriação da *Arpilleras* no contexto das pescadoras artesanais e caiçaras do PEART e MOPEAR também converge com as experiências chilenas e das mulheres atingidas por Barragens, no sentido da utilização dessa técnica como instrumento de denúncia, resistência e luta. A tomada de um papel mais ativo entre as pescadoras no sentido de se sentirem detentoras de um direito de opinar sobre o futuro das suas famílias e comunidades vai se dando gradativamente e, por vezes, pode ser considerado como lento diante de todo o avanço do debate feminista que constatamos hodiernamente, no entanto, importa lembrar o contexto cultural do qual são produto e produtoras.

Segundo os relatos das próprias pescadoras sempre houve uma interpretação de que elas possuíam um papel mais secundário nos espaços sociais que estavam inseridas: atividades como cuidar da casa e dos filhos nunca haviam sido reconhecidas como trabalho, mas como uma obrigação da mulher; na divisão do trabalho na pesca as atividades das mulheres ganhavam o status de “ajuda” aos homens (esses sim eram considerados como os trabalhadores); antes da instauração de formas organizativas mais recentes, como as associações de moradores, algumas mulheres possuíam um reconhecimento diante de seus conhecimentos tradicionais vinculados às práticas de cura natural ou por assumirem papéis importantes como os de educadoras, mas atualmente as mulheres apontavam que, com raras exceções, a participação nas decisões políticas sobre suas vidas e territórios não se conformaram como objeto de discussão, controle ou decisão por parte delas, sendo

atribuídos normalmente aos homens. Havia, no entanto, importantes exceções, como o reconhecimento e valorização do papel decisivo das mulheres em práticas tradicionais como, por exemplo, as roças e produção de cestarias.

As rodas de conversa que embasam o trabalho das pescadoras com a *Arpilleras* foram dando espaço para que questões como essas fossem levantadas e problematizadas pelo grupo, que aos poucos foi despertando uma autovalorização do seu papel enquanto mulher. Um importante fator foi o estímulo que essas mulheres encontraram de seus companheiros membros do MOPEAR para que participassem mais intensamente das discussões e decisões no contexto de suas comunidades.

Apesar das questões acima levantadas terem grande importância para a mobilização do grupo, o principal fator de agregação para esse trabalho foi o enfrentamento aos conflitos territoriais e violações de direitos étnicos e coletivos das(os) pescadoras(es) artesanais. Com a instauração de Unidades de Conservação restritivas que operam desde uma lógica preservacionista as práticas das comunidades tradicionais que implicam no uso e acesso de recursos naturais passaram a ser criminalizadas e violentamente reprimidas ao longo de quase três décadas. Práticas tradicionais essenciais para o grupo como as roças de subsistência foram sistematicamente destruídas e multadas, gerando grandes impactos na vida das comunidades no que se refere à segurança alimentar, nas formas de sociabilidade do grupo e na quebra de suas formas organizativas, o que vem a ser apontado por essas pescadoras como o motivo do alto índice de depressão entre mulheres da região.

A partir do bordado vem sendo possível criar espaços de diálogo entre pescadoras artesanais de diferentes comunidades da região e contar histórias que fornecem detalhes sobre o seu conhecimento tradicional, suas formas de pensar, fazer, sentir, interpretar o mundo, suas técnicas de uso e manejo dos recursos naturais, sua identidade coletiva, seu projeto de gestão dos bens comuns e, também, o papel central das mulheres pescadoras em todos esses processos.

2.7 Metodologia da técnica *Arpilleras*

As ações do projeto de extensão ainda em curso partem do lócus enunciativo dos próprios sujeitos, entendendo que se trata de grupos detentores de uma identidade étnica e coletiva objetivada em movimentos sociais. A proposta do curso, o planejamento, cronograma, divulgação e controle das atividades partem, portanto, da ação conjunta entre as pescadoras artesanais, docentes e bolsistas do NEA-IFPR Paranaguá. O curso ocorre em regime de alternância e itinerância, prezando pela autogestão do grupo.

A metodologia empregada conta com a realização de oficinas de bordado, rodas de conversa sobre as práticas tradicionais do grupo, realização de entrevistas com membros das comunidades, registro das narrativas das próprias pescadoras que desenvolvem as *Arpilleras*, produção de cadernos de bordado, criação de painéis de bordado de autoria coletiva ou individual, apresentação e exposição do trabalho final nas escolas locais e em outros espaços de articulação.

2.8 Sistematização da experiência das pescadoras artesanais do PEART com a técnica *Arpilleras*

Ainda que o projeto de extensão esteja em andamento, é possível notar alguns resultados importantes, como a realização do I Encontro de Pescadoras Artesanais das Ilhas de Guaraqueçaba, que ocorreu nos dias 19 e 20 de maio de 2017, nesse mesmo município. O encontro foi idealizado com o propósito de divulgar o trabalho das *Arpilleras* e convidar pescadoras de diversas comunidades da região para participarem do movimento. As novas participantes puderam conhecer a técnica da *Arpilleras* por meio da apresentação de vídeos, fotos, e de uma tela elaborada pelas pescadoras que já compunham o grupo do PEART.

A organização do evento foi do PEART e MOPEAR em parceria com o IFPR e com o grupo de mulheres artesãs de Paranaguá. Este encontro permitiu o debate coletivo sobre a vida nas comunidades e seus principais conflitos, contou com o relato de diversas pescadoras sobre seus ofícios na pesca e nas demais práticas tradicionais, bem como as dificuldades que vem encontrando para realizá-las.

Em avaliação sobre o encontro as pescadoras destacaram que se tratava de uma experiência inédita na vida delas e que aquela era a primeira vez que haviam sido provocadas a dar suas opiniões publicamente sobre algum assunto, o que consistia em um grande desafio, mas que lhes trazia grande satisfação e o sentimento de serem valorizadas.

Além disso, esta técnica propicia formas de mobilização como o encontro entre as pescadoras para o desenvolvimento das oficinas, onde há troca de experiências e de trabalhos artesanais. Nestes momentos as participantes demonstram um grande avanço no processo de autogestão do grupo e fortalecimento das relações. Segundo Babic (2008, p. 21) “o trabalho manual permite expressar experiências que são difíceis ou impossíveis de comunicar em palavras. ”

Ao longo do projeto foi possível constatar também o potencial do bordado e como esta tarefa pode envolver as pessoas em torno de um objetivo comum. Aprender um bordado, criar algo, faz com que essas mulheres melhorem a autoestima e se sintam capazes. Considera-se também a força dessa atividade manual como instrumento de transmissão de conhecimentos e registro de memória individual e coletiva (BEYUS, 2011).

O fato de relacionarem o produto de seu artesanato com a realidade, utilizando o couro e as escamas do peixe no bordado, materializa o processo identitário e a busca pela memória de tantas situações de conflito.

A técnica de *Arpilleras* age para que as mulheres se apropriem do seu papel político, deixem a submissão e acreditem que tudo está em suas mãos, que o futuro da comunidade depende também delas e portanto precisam e devem assumir este papel.



Figura 3 - Apresentação de uma *Arpillera* feita por um grupo de pescadoras.

Fonte: Próprios autores (2024).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão do qual esse trabalho faz parte tem grande abrangência na formação política e reconhecimento do trabalho e das possibilidades das pescadoras artesanais do litoral do Paraná. A construção da cidadania, do pertencimento, dos direitos, das necessidades está sendo partilhada com as mulheres em questão por meio de abordagens diversas.

A abordagem apresentada neste trabalho tratou da utilização da técnica das *Arpilleras*. A escolha dessa técnica se deu pela convergência da metodologia (trabalho manual), as questões ligadas às mulheres (trabalho com bordado e tecidos) e as possibilidades de resistência, denúncia e construção de cidadania que atravessam os trabalhos realizados por grupos de mulheres em situação de vulnerabilidade.

Acredita-se que a participação das mulheres é imprescindível na defesa dos direitos de comunidades ameaçadas, acreditamos também que o empoderamento deve se dar tanto em no nível individual como no coletivo e, que as mulheres participam das lutas e constroem a todo tempo suas formas de interlocução e narrativa. A técnica das *Arpilleras* é uma dessas formas.

REFERÊNCIAS

BACIC, Roberta. Arpilleras que claman, cantan, denuncian e interpelan. **Hechos del callejón**, v. 42, p. 20-22, 2008.

BEYUS, Joseph. Introdicción. In: BERNEDO, K. P. **Mama quilla: Los hilos (des) bordados de la guerra: arpilleras para la memória**. 2011.

CAMPOS, L.; PEREIRA, I.; ALQUATTI, R. ARTESANATO E RESISTÊNCIA: UM BEM SIMBÓLICO CULTURAL NO BORDADO DAS ARPILLERAS. **Seminário Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**, Brasil, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.anptur.org.br/ocs/index.php/seminario/2012/paper/view/1136>>. Data de acesso: 09 jul. 2017.

ERTZOGUE, Marina Haizenreder. As bordadeiras de Santiago. In: ERTZOGUE, M. H. Mulheres, água e energia não são mercadorias: Coletivo das Mulheres do MAB e a organização de oficinas para confecção de arpilleras como instrumento de resistência das populações atingidas. In: Encontro Internacional Ciências Sociais e Barragens, 2016, Chapecó. **Anais do Encontro Internacional Ciências Sociais**, 2016. v. 0. p. 1-1.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas. 2007.

HERNANDEZ SAMPIERI, R. et al. otros. *Metodología de la investigación*. McGraw-Hill. México. 1991.

MARCONI M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados. 3 ed. São Paulo: Editora Atlas. 1996.

MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS. **Arpilleras**: bordando à resistência. São Paulo: MAB, 2015. Disponível em: https://issuu.com/mabnacional/docs/cat__logo_mab_arpilleras_bordando. Data de acesso: 09 jul. 2017.

SANTIAGO CULTURA. Disponível em: <https://goo.gl/TVfk12>. Acesso em 11/07/2017.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. “Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan”. **Revista Proa**, Campinas, IFCH/UNICAMP, n° 2, vol. 01, 2010.

WAJCMAN, Judy. **El Tecnofeminismo**. Madrid: Cátedra, 2006.